

## A RE-TERRITORIALIZAÇÃO DO SAGRADO NO CONTEXTO URBANÍSTICO DE CAMPO GRANDE - MS

Maria Augusta de Castilho\*  
Yan Leite Chaparro\*\*

**RESUMO:** Este trabalho procura expressar uma análise em relação ao fenômeno de re-territorialização na cidade de Campo Grande, MS, observando novas composições de lugares sagrados no cotidiano urbano, refletindo sobre a questão de subjetividade, território, cultura, desenvolvimento local e o simbólico. O estudo destaca dois aspectos importantes: a relação do crescimento demográfico da cidade junto ao movimento dessas novas igrejas e a composição subjetiva entre sagrado e urbano. A vida de uma coletividade envolve crenças que se revelam nas condutas e se materializam nas formas espaciais do cotidiano vivido, o que inclui a valorização, não só da dimensão simbólica – significativa dessas condutas, como também da dimensão material, reveladora dessas crenças e condutas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sagrado. Simbólico. Re-territorialização.

**ABSTRACT:** This work looks for to express an analysis in relation to the phenomenon of reverse speed-territorialização in the city of Campo Grande, MS, observing new compositions of sacred places in daily the urban one, reflecting on the question of subjectivity, territory, culture, local development and the symbolic one. The study it detaches two important aspects: the relation of the demographic growth of the city next to the movement of these new churches and the sacred and urban subjective composition between. The life of a collective involves beliefs that if disclose in the behaviors and if they not only materialize in the space forms of the daily one lived, what it includes the valuation, of the symbolic dimension - significant of these behaviors, as well as of the material, revealing dimension of these beliefs and behaviors.

**KEY WORDS:** Sacred. Symbolic. Reverse speed.

### Introdução

A presente pesquisa em andamento tem como objetivo identificar na territorialidade do espaço urbano de Campo Grande, novas manifestações de religiosidade, assinalando a vivência dos vários segmentos da população para movimentos de cultos diversificados. O estudo aborda o fenômeno de urbanidade do sagrado, que busca revelar posições históricas cotidianas de sujeitos sociais, construindo razões subjetivas de valores e estados de encontro com o mundo cotidiano.

Nesse contexto o trabalho analisa o fenômeno de re-territorialização, como aspecto contemporâneo da sociedade campo-grandense, vivenciando um diálogo sensível de estados espirituais, junto à composição urbana, pois como afirma Rosendahl

---

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico e do Curso de História da Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande – MS, maugusta@ucdb.br

\*\* Psicólogo e mestrando do programa de Desenvolvimento Local – UCDB, yanchaparro@gmail.com

(1999, p. 13), “o sagrado aparece como elemento de produção do espaço”, expressando a complexidade que envolve a articulação diária com aspectos do sagrado e o mundo experienciado.

Contemplou-se nas atividades de campo, a vivência no território do sagrado destas novas manifestações espirituais, analisadas por meio de conversas dialogadas e narrativas do espaço sagrado, identificando o fenômeno de re-territorialização religiosa, como aspecto real do cotidiano da população urbana, pois uma nova estética do sagrado se move na cidade, na tentativa de resolver necessidades do mundo complexo da sociedade local.

A questão norteadora é: qual a importância da re-territorialização do sagrado no contexto de urbanidade em Campo Grande – MS? Nesse sentido objetiva-se expor um fenômeno de contemporaneidade urbana, que envolve a expressão do sagrado, bem como investigar a partir de um olhar analítico, a composição do sagrado – urbano em seu fenômeno de re-territorialização; sua importância como a construção de um tecido de compreensão em relação à subjetividade que envolve a cidade de Campo Grande, pois não existem estudos em relação ao subjetivo urbano da cidade, e este estudo inicial aparece para contextualizar essa temática tão importante para a vida das pessoas que têm fé na crença cotidiana de seus princípios religiosos.

## **1 A re-territorialização do sagrado no espaço urbano**

Infere-se que a compreensão do território sob um prisma mais subjetivo, de um espaço no qual o ser humano estabelece um vínculo afetivo e simbólico, constrói sua história e concretiza suas relações e suas experiências no mundo. Seguindo este mesmo pensamento entende-se que a des-territorialização significa o rompimento dessas condições que, conforme assinala Haesbaert (1995, p. 181), “pode ser tanto simbólico, com a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material - político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticas de integração”. Alguns espaços estudados se des-territorializaram<sup>1</sup> e surgiram

---

<sup>1</sup> No lugar do Banco Banespa, surgiu a Igreja Universal do Reino de Deus, na antiga feira de Campo Grande (existente há mais de 40 anos), foi construído o maior templo do Estado de MS – sede da Igreja Universal do Reino de Deus e na antiga loja Tem de Tudo, do grupo Alcoa, instalou-se a sede da Igreja Universal da Graça.

outros em seus lugares, como também outros foram criados por meios de símbolos religiosos.

A re-territorialização é a forma encontrada por grupos híbridos de reconstruírem sua história, de estabelecer novamente as relações sociais, simbólicas, econômicas, políticas e efetivas no espaço pelo qual eles (re) conquistaram, como uma estratégia de desenvolvimento local, elaborando a si e aos outros novos suportes existenciais. Um dos resultados mais importante é, sem dúvida, a identificação do espaço sagrado urbano como o principal recurso para as manifestações religiosas e não somente a valorização da aparência pitoresca da arquitetura e dos conjuntos urbanos, pois o diálogo delicado do sagrado-urbano revela ações de modificação ao mundo vivido, como fenômeno de relação pessoa-pessoa e pessoa-coisa.

A proposta fundamentada como desenvolvimento local passa a ser, culturalmente orientada, arraigada nas especificidades locais e esforços de seus habitantes, com estratégias bem concatenadas para a recuperação da memória coletiva, no resgate da auto-estima da comunidade, para o encontro de um novo movimento existencial, autoconhecimento e a possibilidade de se completar o ser humano vivendo em uma sociedade e que possa ter uma boa qualidade de vida.

Ao encontrar o território de Campo Grande, observam-se mudanças importantes para a configuração da cidade no aspecto tangível e intangível, compreendendo novos movimentos para um fenômeno que se modifica rapidamente.

A expressão de novas manifestações do sagrado apresenta o encontro com uma cidade que se mostra em processo de metamorfose, uma capital que traz problemas como qualquer cidade de grande porte. Assim, é possível se fazer indagações sobre a re-territorialização do sagrado, discutindo a relação de complexidade da cidade, como um fenômeno repleto de emaranhado pelos aspectos de liquidez (BAUMAN, 2004), bem como da subjetividade, pois a partir do encontro com o sagrado é possível se identificar movimentos importantes para a existência urbana.

A cidade de Campo Grande embarcada por uma análise do sagrado incita a um discurso analítico de como e porquê, de certas ações, vivenciadas no cotidiano onde são reconhecidos elementos tradicionais detectados no ato de viver, saber e fazer. Já é conhecida a potencialidade de análise do sagrado para a composição fenomenológica e estética de território, como o enfoque latente da psicologia, e do subjetivo para os estudos psico-sócios-culturais. O sagrado

que acontece na contemporaneidade obedece à formas-conteúdos (SANTOS, 1988), que correspondem a um lugar com um corpo modificado.

Em Campo Grande, MS os dados estatísticos do IBGE de 2000<sup>2</sup> e os dados que estamos coletando na atualidade, permitem a confirmação de uma articulação rápida de atividades novas ao sagrado no espaço urbano.

Ao se analisar os dados do IBGE (2000) foram constatados que a religião em Campo Grande atingiu os seguintes números: Católica – 424.370; Evangélica – 137.170; Espírita – 17.073; Umbanda e Candomblé – 2.193; Judaica – 113; Orientais (Budista, hinduísmo, Islamismo e Marikari) – 3.799; Outras – 13.470; Sem Religião - 2.578; Não Determinada – 1.409.

Em confronto com os dados atuais, em uma população urbana atualmente com mais de 720 mil habitantes, percebe-se que a religião católica continua de forma hierarquizada e lenta assumindo novos espaços, ora por meio da instalação de novas capelas, ora pela criação de novas paróquias. De acordo com o arquivo diocesano (2008) existem em Campo Grande 29 paróquias e mais de 160 capelas, com ocupação de espaços de forma organizada e com o apoio da comunidade local.

Por outro lado à religião evangélica (Universal, Assembléia de Deus, Internacional da Graça, Maranata, Holliness do Brasil, Sara Nossa Terra e outras) tem ocupado de forma considerável espaços carregados de símbolos, não só no centro da capital, como também nos bairros, construindo seus próprios templos ou alugando imóveis para realizar suas atividades sagradas.

A Igreja Universal ao construir seu templo central numa das avenidas principais da capital, (Avenida Mato Grosso s/n entre as ruas José Antônio e Padre João Crippa), quebrou uma tradição cultural de mais de quarenta anos, deslocando a Feira Central de Campo Grande, para um outro espaço designado pela prefeitura. Não houve a desterritorialização da feira, mas o espaço atual não corresponde à tradição implantada no local, uma vez que hoje aloja a igreja, abrigando em seio interior quatro mil e duzentos lugares. De acordo com o depoimento de um dos pastores da sede central existem mais de 100 templos espalhados pela periferia para atender a comunidade dessas localidades,

---

<sup>2</sup> Em 2000 a população de Campo Grande era de 662.534 habitantes. Fonte: Disponível no site: <http://www.brasilchannel.com.br/capitais/index.asp?nome=Campo+Grande>. Acesso em 30/08/2008.

construindo assim novos espaços sagrados no território de Campo Grande, formando uma rede bem organizada.

Nesse aporte aparece a Igreja Internacional da Graça, também localizada em uma grande avenida da capital sul-mato-grossense (a Avenida Zahran nº 1557) que territorializou uma grande loja de construção (Tem de Tudo), para se instalar em uma das artérias mais movimentadas da cidade. A referida igreja possui uma rede de oitenta e oito templos (próprio e/ou alugados), espalhados em bairros e áreas centrais da capital sul-mato-grossense.

A Assembléia de Deus de Mato Grosso, (localizada na Av. João Rosa Pires nº 482 – Bairro Amambaí), tem seu espaço definido há mais de trinta anos, mas vem ocupando novos espaços não só no centro, mas também na periferia, perfazendo um total de mais de noventa templos (próprio e/ou alugado).

Portanto, a ocupação desses novos espaços assinala a necessidade que a população tem em procurar o divino para auxiliar na resolução de seus problemas, que em sua maioria são econômicos, como é o caso da reunião dos empreendedores, na Igreja Sara Nossa Terra<sup>3</sup>, como foi constatado, por exemplo, nos quadros de ex-votos colocados na lateral dessa igreja, existindo inclusive cultos específicos para que o devoto possa solicitar melhorias econômicas em sua vida.

É possível afirmar que nessa nova configuração do sagrado na cidade observam-se novas necessidades espirituais e míticas, surgindo novas confirmações de relação ao mundo contemporâneo.

## **2 Análise do fenômeno simbólico da religião no contexto urbano.**

A análise simbólica permite o encontro com movimento de latência que envolve a composição urbana de uma cidade, pois estes símbolos compõem um tecido líquido

---

<sup>3</sup> Sara Nossa Terra localiza-se à Avenida Mato Grosso, 26 – Centro, Campo Grande, MS. De acordo com o Bispo Robson Rodovalho (s.d) esta comunidade evangélica nasceu em fevereiro de 1992 – Brasília, DF, movida por uma palavra profética Deus, e pela visão de sarar o país. Possui cerca de quinhentas e cinquenta igrejas espalhadas pelo Brasil e o exterior, e estão sob a coordenação da federação da comunidade, que é dirigida por um conselho de bispo e um conselho diretor. Atualmente conta com um canal de televisão – TV Gênesis e uma rádio – Sara Brasil FM com programação diária voltada para família. Seus cultos são dedicados a quebra de maldições, cura interior, da família, aos jovens, aos empreendedores, dentre outros. Seu símbolo maior é uma chama de fogo.

que permite o encontro com aspectos de subjetividade que envolve o cotidiano de pessoas nas entranhas urbanas.

A compleição simbólica analisada no contexto estudado refere-se aos semblantes explícitos e implícitos, que envolve a estética de signos que contornam e sustentam a relação de lugares do sagrado com seu público de fieis, destacando-se entre eles: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Sara Nossa Terra, Igreja Internacional da Graça, Assembléia de Deus de Mato Grosso, Igreja Batista, Centro Espírita dos Orixás Cablocos e Guias, Centro Espírita Discípulo de Jesus, Igreja Presbiteriana Independente Betel, Igreja Evangélica Verbo da Vida, Igreja Videira em Células, Igreja Messiânica do Brasil, Igreja Holliness do Brasil e outras.

Serão identificadas características de apenas algumas igrejas relacionadas principalmente a des-territorialização e re-territorialização do espaço, assinaladas no presente estudo. Assim, pode-se evidenciar que na Igreja Universal<sup>4</sup>, é possível perceber pilastras gregas, que marcam o sustentáculo da entrada do templo, junto a uma grande escadaria, toda de mármore, com corrimão dourado refletindo um semblante de imposição, e de encontro com algo significativamente maior. Esta fachada é substanciada com um símbolo típico e de padrão para a igreja, ou seja, um coração vermelho e uma pomba branca representando a esperança eterna, símbolo que está no meio do imenso triângulo que a arquitetura grega permite. O coração vermelho sedento de paixão aparece como necessidade e acolhimento, pois no seu meio existe a esperança, a salvação do espírito (do coração do fiel), pelo amor universal a Deus. Este templo chama atenção não só pelo tamanho, mas pela suntuosidade dos vitrais vindos da Alemanha, contendo símbolos diversos da mitologia hebraica da constituição do poder do sagrado na vida de cada ser humano. As cúpulas de cobre, simbolizando os palácios orientais de poder supremo, aparecem em forma de uma grande caixa (fortaleza) instaladas nos quatro cantos superiores do teto, caracterizando-se como uma igreja

---

<sup>4</sup> A construção do megatemplo da Igreja Universal do Reino de Deus consumiu investimento na ordem de R\$ 13,8 milhões. Chamado de Catedral da Fé, o prédio foi edificado com capacidade para 4,2 mil fiéis e a área de estacionamento comporta até 700 veículos. O terreno, uma quadra inteira, custou R\$ 3,8 milhões. Segundo a assessoria da Universal do Reino de Deus, em Campo Grande são 45 mil seguidores. Fonte: Disponível no site: <http://patraoblog.wordpress.com/category/igreja-universal/12/08/2008.aceso> em 30/08/2008.

essencialmente urbana atendendo a comunidade quando necessitada. A igreja é marcada por sua grandiosidade, onde os crentes sentam ou ficam de pé em uma platéia que pode comportar até quatro mil e duzentos lugares. O crente não tem muita escolha de não ser fiel, pela quantidade de estímulos simbólicos de poder expostos a ele, e pela possibilidade de encontro com o instante de salvação do mal (demônios e outros males). Os vitrais junto aos seus símbolos e a luz que passa por eles permitem a sensação de estar em uma espécie de céu, como um aconchego no meio da destruição. Pode-se deparar com um grande estacionamento, berçário, bebedouros e acomodações para alojamento de alguns pastores. Nota-se um mural de orações, instalado ao lado do palco principal com fotos daqueles que alcançaram pedidos, objetivando mostrar o número de fiéis que seguiram o chamado de Deus.

Na Igreja Sara Nossa Terra, é possível compreender uma outra estética, seu símbolo central é uma tocha de fogo, com o desejo de sarar a nossa terra. A tocha de fogo aquece e parece dar sentido de existência, mas quando a tocha se apaga surge à morte. O templo se encontra disfarçado no meio da conjuntura urbana no local, uma vez que, aparece em frente de um centro histórico, entre uma escola e de um hotel. É possível reconhecer que se trata de um lugar do sagrado, após se adentrar pelo portal principal do templo, depara-se logo com: cadeiras enfileiradas, instrumentos musicais, cadeiras barrocas em uma espécie de palco, prontas para o início do show evangélico. Este movimento estético da referida igreja significa sua composição histórica, pois é uma igreja contemporânea e nasce da necessidade de sarar uma terra moderna, e por isso corresponde na sua dinâmica, um movimento que encontra o urbano de maneira mais rápida e não conflituosa, pois também é um templo que nasce da crise de urbanidade. O lugar se mostra de aconchego, de procura e encontro de uma certa salvação, na soltura de uma energia má, e até a discussão de estratégias econômicas para driblar outros males urbanos, mas que por meio da igreja pode-se chegar à salvação.

Na Igreja Internacional da Graça traz na sua configuração simbólica aquilo que é internacional, ou seja, a pessoa não está sozinha, junto a ela, muitos outros acreditam e respeitam sua moral e sua própria vida. O lugar da igreja se apresentava anteriormente como uma loja que tinha de tudo (como incitava a publicidade da mesma na época). Hoje se insere em uma avenida de via rápida e extremamente movimentada, sendo um lugar-galpão, com estacionamento e uma sala de espera adaptada. A apresentação

externa da igreja traz no topo a confirmação simbólica de um globo, o nome do lugar e o cálice de vinho. No seu interior, é possível ver muitas cadeiras enfileiradas, formando um tapete de cadeiras, e na frente destas se encontra um palco onde se descortina o espetáculo dos discursos para os fiéis presentes nos cultos. O convite simbólico expressa um sagrado no meio do sistema urbano que se firma como verdade e possibilidade de salvação.

A Assembléia de Deus de Mato Grosso é uma igreja ampla, com uma construção semelhante a uma fortaleza, mostrando painéis de pastores pregando para uma grande quantidade de pessoas, que revelam em suas mãos e em suas faces a expressão de adoração e uma dedicação ao estado de salvação. Também notam-se painéis de um casal (homem e mulher de certa idade), simbolizando elementos de tradição que sustenta toda a configuração do lugar do sagrado. O lugar onde acontece à expressão literal do sagrado traz um palco, com lugares para os pastores, e muitas cadeiras de madeiras (rústicas) para os fiéis, é um lugar grande e fica no segundo andar do prédio. A fachada do lugar traz uma imensa escadaria, direcionada as portas de entrada. Não existem símbolos na fachada externa da igreja, somente feixes de luzes que partem dos vitrais dando sentido a estrutura do lugar sagrado para os evangélicos dessa religião.

Após a apresentação destas indagações simbólicas de alguns templos do sagrado re-territorializados na cidade de Campo Grande, parte-se para uma discussão teórica sobre os símbolos e a compostura do sagrado, pois este tem uma relação profunda entre: símbolos, signos e significados.

A composição simbólica de um fenômeno permite o encontro com o expressado e o não expressado, discorrendo sobre os conteúdos de latência que envolve a existência do fenômeno junto ao mundo, pois a sua permanência na aparência da realidade não se dá por segmentos simples, mas por substâncias complexas que se movimentam densamente no todo do próprio fenômeno. Quando se vê um coração e uma pomba no seu centro, este pedido de encontro revela na sua relação o entendimento inicial daquilo que se pretende ir de encontro. O símbolo aparece como instrumento atrativo, que pede ao outro e sugere um primeiro olhar de conhecimento.

A composição simbólica do objeto se mantém por si, junto a um imaginário popular histórico, que acontece como movimento de permeabilidade no mundo do seu início ao seu processo de existência, e talvez ao seu fim. Sendo assim, o conhecimento

dos símbolos aparece como elemento que está imbricada na fomentação constituinte da subjetividade no contexto líquido (BAUMAN, 2004) da modernidade contemporânea. Quando o fenômeno do sagrado interagir no cotidiano a partir de falas, atos, sentidos e percepções, revelando posturas ao mundo e junto a ele, e como fenômeno de análise contundente, pode-se buscar compreender a urbanidade hoje. Nas cidades observam-se o mítico e o sagrado, indo além dos símbolos na tentativa de compreender o porquê dessas novas religiões para a existência urbana.

Vale ressaltar que na ótica do desenvolvimento local há uma forma de desenvolvimento humano de caráter endógeno, que tem como base o protagonismo dos atores de um dado território, apoiados por agentes de desenvolvimento e organizações parceiras, na busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações coletivas. Por isso, torna-se importante complementar alguns fundamentos teóricos construídos para se entender melhor o fluxo das atividades religiosas nas igrejas instaladas no escopo campo-grandense. O território para Bonemaissou (2002), é um conjunto de lugares hierarquizados e conectados a uma rede de itinerários, fortalecendo a etnia em sua ancoragem no solo, propiciando um espaço, formando uma malha, polarizando assim, um acordo, com suas próprias finalidades e representações simbólicas, podendo ainda tomar formas culturais diversificadas. A territorialidade por sua vez é compreendida pela relação social e cultural que um grupo mantém nos lugares itinerários, que se constitui seu território.

O autor acima citado destaca que é pela existência de uma cultura que se cria um território, fortalecendo assim a relação simbólica entre a cultura e o espaço, tecendo uma estrutura espacial simbólica que compõe e cria a noção concreta e abstrata de território. Portanto, o território é ao mesmo tempo espaço social e espaço cultural, enquanto que o primeiro é produzido, o segundo é vivenciado.

Bonemaissou (2002) enfatiza ainda que os territórios podem renascer de formas absolutamente novas se organizando e se hierarquizando, para responder as necessidades e funções variadas assumidas por um grupo, que no caso do presente estudo são grupos de manifestações religiosas.

Em um outro aporte a des-territorialização urbana na capital sul-mato-grossense tem ocorrido principalmente na região central, onde locais não religiosos desapareceram, surgindo em seu lugar templos religiosos carregados de símbolos e

manifestações sagradas. Uma concepção diferente vai contornando as posições das coisas religiosas no território de Campo Grande, pois ao andar por uma avenida que continha uma feira, ou um banco, ou uma padaria, percebe-se uma mudança do cotidiano local, pois as posições das coisas permitem uma nova experimentação urbana, configurando uma existência de relação pessoa – urbanidade – sagrado de uma nova forma e que precisa ser estudada com profundidade.

A cultura resulta da capacidade dos seres humanos comunicarem entre si por meio de símbolos e signos. Tais símbolos e signos orientam ações que resultam em expressões concretas de sistemas de crenças, instituições sociais e bens materiais, caracterizando as formas de comunicação entre os indivíduos de um mesmo grupo. Pode-se afirmar que o fenômeno da cultura é dinâmico, estando constantemente em processo de des-construção e construção, permitindo a relação de compreensão do ser no mundo que o envolve, e a si mesmo, movimento concretizado pela relação direta com os símbolos, signos, significados e pulsões do mundo vivido.

O bem cultural é o produto do processo cultural, que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo e do ambiente que o cerca, por isso a razão da preservação desta é a melhoria da qualidade de vida de uma comunidade vigente, que implica explicitamente em seu bem estar material e espiritual e na garantia de fortificar o fenômeno da memória e da cidadania. O sagrado está na cultura, como a cultura está no sagrado, tendo formas do patrimônio tangível e intangível no cotidiano comunitário.

O desenvolvimento local, mais do que crescimento econômico implica na manifestação de capacidades, competências e habilidades de uma determinada comunidade territorializada, para agenciar seu próprio desenvolvimento, com ajuda de um ambiente cooperativo e solidário, mediante o aproveitamento de potencialidades próprias e metabolização de experiências externas (ÁVILA, 2006). Destaca-se como movimento de cultura, histórico e filosófico, ressaltando uma maior complexidade na assertiva sobre desenvolvimento, quando o endógeno aparece vigente em um prisma líquido de profundidade.

A perspectiva de alcançar o desenvolvimento local a partir de seus recursos endógenos é a concretização da oportunidade possibilitada pelo fenômeno do local, para um diálogo conciso com os sistemas exógenos, permitindo a constituição e ações de inovação, e possibilidade de hibridiz, de respeito à tradição do cotidiano vivido, e a

materialização de noções de comunidade (BAUMAN, 2004), como experiência de vida ao mundo real e imaginário. Assim, na dinâmica social estabelecida pelo atual mundo globalizado e contingente, as possibilidades apenas se efetivam, diante de oportunidades oferecidas pelos lugares (LE BOURLEGAT, 2000). As ações coletivas, organizadas em um dado meio local, podem transformar-se em forças de desenvolvimento, se forem permeadas de confiança, transformando-se em capital social. Para a autora acima citada, esse tipo de ação é possível, quando existe alguma forma de interdependência entre os atores, de modo que a satisfação de seus interesses dependa da ação conjunta organizada. Desse modo, o capital social não se realiza nos indivíduos, mas nas relações entre eles. Nesse contexto, cultura e capital social são reconhecidos, como fenômenos de possibilidades de desenvolvimentos organizados, na tentativa de se conceber a solidariedade. Esta relação entre o eu e o outro como construção de realidade vivida, degustada e assustadora, forma a imagem do real. Por sua vez a imagem é possibilitada por ramificações invisíveis de subjetividade, que aparece embarcada por fenômeno de valores religiosos. Para Bordieu (1990), existe capital social, quando um conjunto de recursos potenciais liga-se à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, para um conjunto de agentes dotados de interesses comuns e que lhes permite melhor aproveitar os recursos econômicos e habilidades existentes. Souza (1995, p. 84), dimensiona que: "território de identidade e de solidariedade, é um cenário de reconhecimento cultural e de intersubjetividade e também um lugar de representações e práticas cotidianas" [...] Há, portanto, a necessidade de construir toda dinâmica de desenvolvimento a partir de uma identidade cultural fundamentada sobre um território de identificação e de solidariedades concretas.

O território é, portanto, uma reordenação do espaço no qual é atribuída uma identidade territorial aos grupos sociais que se organizam e que trocam relações em todos os níveis, inclusive o patrimonial, onde o agente principal pode ser ou não uma instituição pública ou privada. No caso estudado não é uma instituição, mas sim um grupo de indivíduos sob a liderança de um ator que pode estimular a disseminação de saberes voltados para a preservação patrimonial espiritual. Santos (1988, p. 19), avalia que o desenvolvimento é: "um processo de transformação econômica, política e social, através do qual o crescimento do padrão de vida da população tende a tornar-se automático e autônomo". Trata-se de um processo social global, em que as estruturas

econômicas, políticas e sociais de um país sofram contínuas e profundas transformações. Não tem sentido abordar desenvolvimento apenas econômico ou apenas político ou apenas social. Na verdade não existe desenvolvimento dessa natureza, parcelado e setorizado. O desenvolvimento, portanto, é um processo de transformação global.

O desenvolvimento local não pode se desvincular do global, de forma que o primeiro necessita se reorganizar e se reequipar para acompanhar a complexidade dos sistemas sociais modernos que exigem outros caminhos e outras respostas, onde a gestão local torna-se uma necessidade de sobrevivência dentro dos padrões de idéias democráticas e inovadoras. De acordo com Souza (1995, p. 06), "o desenvolvimento não deve ser entendido como sinônimo de desenvolvimento econômico". O desenvolvimento estritamente econômico pode ocorrer sem que automática ou forçosamente haja melhoria no quadro de concentração de renda e dos indicadores sociais.

Pode-se assim, dimensionar que o desenvolvimento local está amparado em um processo de transformações no território, que leve a construção de uma dinâmica no crescimento econômico, político e social do lugar, e que seja dinamizado por atitudes da população, respeitando a sua identidade e a busca do solidário.

A presente pesquisa visa destacar também os aspectos culturais sempre no sentido de resgatar o tangível da população local, preservando este patrimônio cultural próprio das comunidades locais, cuja harmonia e solidariedade pautam a convivência desse povo. No aporte de Bakhtin (1976, in: BURKE, 2004) a memória coletiva tira sua força da duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que lembram, enquanto membros do grupo moradores de uma localidade. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam umas sobre as outras não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada uma delas. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que o morador ocupa e, que este lugar muda segundo as relações que se mantém com outros meios. Não se deve admirar que do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Entretanto, quando se pode explicar essa diversidade, verifica-se a combinação de influências que são em sua maioria, de natureza social.

Sendo assim, o estudo acontece no bojo de algumas manifestações religiosas encontradas em Campo Grande, MS, que aparecem como fenômeno de urbanidade, pois são movimentos novos e trazem na sua possibilidade de habitar (MERLEAU-PONTY, 2004), a sua constituição na construção metamorfosica do urbano, uma referência de realidade peculiar e que pode ser vista em muitos traços da sociedade. É possível afirmar que a própria ação do encontro de um fiel com o outro (fiel, crente) acontece por símbolos variados que contornam sua necessidade cotidiana.

### **Considerações finais**

Interessante relatar que na Prefeitura Municipal local não existe uma base de dados sobre o sagrado em Campo Grande – MS, por isso, indaga-se: será que a noção de igreja se mostra como fenômeno colocado a parte no mundo do poder público? A impressão que fica, é que o fenômeno sagrado está regido por um mistério emaranhado no cotidiano, conduzido por um imaginário de separação ou desprezo ao mundo do poder público, pelo menos na instância de regulação geográfica, mas é possível afirmar que esta mesma igreja conduz dogmas de fé que possibilita a confirmação de atos de existência no mundo urbano, reconhecendo assim uma contradição curiosa. O fenômeno de frequência aos templos religiosos em um denso movimento significa a busca de esperança, solidariedade, paz, enfim uma melhoria de vida para o crente.

Com este estudo foi possível perceber fenômenos importantes para a re-territorialização do sagrado, mas esta pesquisa terá continuidade, na tentativa de embasar o fenômeno de subjetividade que explicita a condução do sagrado no cotidiano.

Após discussões em relação aos fenômenos míticos urbanos contemporâneos, é possível iniciar uma análise a estas novas manifestações religiosas e templos centrais ao território urbano de Campo Grande, pois este novo movimento nos faz pensar sobre a configuração da própria cidade, suas necessidades, seus anseios e suas buscas.

Campo Grande é uma cidade que está em um processo de crescimento urbano novo, pois traz a cada dia novas problemáticas de existência para cidade, como a questão da violência, falta de moradia, meios de transportes urbanos escassos etc. É possível afirmar que a condição de novas manifestações do sagrado em grande escala, com um caráter propriamente urbano, traços e falas, aparecem como uma conjuntura de

subjetividade que faz o pedido a uma certa salvação, onde a busca dos problemas do cotidiano acontece na palavra, na retirada de espíritos maus e na doação de bens de matéria financeira.

A apropriação rápida de uma igreja que traz discussões da fragilidade urbana ao território do sagrado acontece pelo fato de que a cidade de Campo Grande traz em si uma nova forma de vida, uma nova complexidade para seus sujeitos, quando a cidade releva condições líquidas e tradicionais, mas também eventuais conflitos, uma cidade que traz na sua concepção de desenvolvimento aspectos frágeis e desigualdades sociais, culturais e econômicos.

### Referências

ÁVILA, Vicente F de. **Cultura e subdesenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral: UVA, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BONEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, R. (Org). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, v. 3 (Coleção Geografia Cultural).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987 (Coleção Estudos – Ciências Sociais).

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BAKHTIN, M. (1976). In: BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Tradução de Vera M. Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004 (Série História).

CERTEAU, de M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as regiões-rede. **Anais...V CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA – Curitiba: AGB, 1995, pp..2006-214.**

LE BOURLEGAT, Cleonice A. **A ordem local como foco de desenvolvimento. Interações** – Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB, v.1, n 1, set. 2000.

MERLEAU-PONY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ROSENDAHL, Z. ; CORRÊA, R. (Org). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, v. 3 (Coleção Geografia Cultural).

KLIKSBURG, B. **Capital social y cultura** - Claves del Desarrollo. Artículo de reflexión basado en la ponencia del 24 de febrero de 2006, dictada en el Auditorio del Centro de Conferencias Enrique V. Iglesias, Washington DC. Facultad de Ciencias Económicas y Administrativas.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1988.

SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desterritorialização. In: CASTRO, I. et al. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Sites:

<http://www.brasilchannel.com.br/capitais/index.asp?nome=Campo+Grande>.

<http://patraoblog.wordpress.com/category/igreja-universal/12/08/2008>. Acesso em 30/08/2008.